

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA ATRAVÉS DA MPB

Manuela Chagas Manhães (UNESA)

manuelacmanhaes@hotmail.com

Giovane do Nascimento (UENF)

RESUMO

Sabe-se que a realidade social e sua articulação são realizadas através do ato de linguagem, tendo este diversas interpretações que trazem em si suas marcas socioculturais e identidades. Isso significa dizer que o indivíduo que vive no mundo de instituições sociais (educacionais, religiosas, culturais, política) participa de um macrocosmo de valores e significações, sendo a linguagem a mola mestra, o elo de todas as ações e reações de todo e qualquer ser humano. A linguagem será mediadora de todas as relações mantidas em nossa vida por meio de expressão e comunicação, tendo entre os sistemas de símbolos socioculturais que medeiam tais relações sociais e a construção de suas diversas identidades a linguagem artístico-musical. Ou seja, o desenvolvimento do mundo textual (do artesanato das palavras que se consolida na linguagem artístico-musical) exige sistemas de meio de expressão e comunicação a partir da realidade sociopolítica cultural em que se vivencia. Para Fischer (1976), a linguagem coloca tudo em termos de razão. Entretanto, o artista, com suas analogias, coloca tudo em termos de significação. Isso representa um convite ao diálogo entre o artista e o público, o artista e os ciclos sociais, o artista e a sociedade, através da linguagem artístico-musical.

Palavras-chave:

MPB. Música Popular Brasileira. Linguagem musical. Construção identitária

1. Introdução

Sabe-se que a realidade social e sua articulação são realizadas através do ato de linguagem, tendo este diversas interpretações, que trazem em si marcas socioculturais e identidades. Isso significa dizer que o indivíduo que vive no mundo de instituições sociais – educacionais, religiosas, culturais, política – participa de um macrocosmo de valores e significações, sendo a linguagem a mola mestra, o elo de todas as ações e reações de todo e qualquer ser humano. A linguagem será mediadora de todas as relações mantidas em nossa vida por meio de expressão e comunicação.

Tendo entre os sistemas de símbolos socioculturais que mediam tais relações e a construção de suas diversas identidades a linguagem artística musical. Ou seja, o desenvolvimento do mundo textual, ou melhor, do artesanato das palavras que se consolida na linguagem artística musical, exige sistemas de meio de expressão e comunicação a partir da realidade sociopolítica cultural em que vivencia.

Para Fischer (1976) a linguagem coloca tudo em termos de razão. Entretanto, o artista com suas analogias, coloca tudo em termo de significação. Isso representa um convite ao diálogo entre artista e o público, artista e ciclos sociais, o artista e a sociedade, através, particularmente da linguagem artística musical. Portanto, esta é um dos objetos de estudos no campo de análise textual, a qual se utiliza de diferentes universos simbólicos para remeter as significações socioculturais, particularmente na forma em que os interlocutores se comunicam e compartilham ideias, sonhos e representações.

2. Desenvolvimento

2.1. Diversidade e identidade cultural: a fluidez do Sujeito social contemporâneo

O sujeito social pós-moderno tem a marca de não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: a qual é formada e transformada constantemente em relação a um padrão definido nos sistemas sociais e culturais que nos rodeia e que existe antes de pensarmos nascer. Ou seja, são sistemas definidos historicamente. Isso significa dizer que assumimos identidades distintas em distintos momentos.

O sujeito pós-moderno, desse modo, é composto não de uma única, mas de diversas variantes, as quais, muitas vezes, são contraditórias e divergentes. Isto nos remete às mudanças nas relações sociais, nos paradigmas, nas forças sociais ao longo da história e do multiculturalismo. Tais fatos põem em evidência uma mudança estrutural que é fragmentada nas diversas identidades culturais – de classe, de etnia, de gênero, de religião, de sexualidade e de nacionalidade – as quais, se antes eram sólidas e definiam espaços e lugares que encaixavam o sujeito moderno socialmente, hoje se encontram com fronteiras bem menos definidas, possibilitando ao sujeito da pós-modernidade um maior fluxo além de uma diversidade de papéis e máscaras sociais vivenciados em seu dia a dia, que podem vir a promover uma crise existencial e de identidade.

Então, podemos observar a importância social da formação da identidade. É a identidade que diferencia os indivíduos, o que caracteriza como sujeito social, pessoa, ou como um grupo social. Ela é definida pelos conjuntos de atribuições de papéis sociais que todos nós desempenhamos em nosso dia a dia e, é determinada pelas condições sociais que

são decorrentes da produção socioeconômica, pelos nossos ideais, comportamentos e formações.

Quando nos referimos, no caso, à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional e específica que está em nosso meio, que convivemos e absorvemos ao longo de nossas vidas. A cultura nacional é com posta não apenas de instituições nacionais, mas também de símbolos e representações que iremos nos deparar em todos os momentos de nossas vidas. Por isso, é importante salientar que esta identidade não é uma identidade natural, biologicamente passada, mas sim, uma identidade constituída, ou melhor, uma diversidade de identidades construídas. Hall (2002, p. 15) nesse âmbito diz que: “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza ações, quanto a concepção que temos de nós mesmo”.

Para Hall (2002) a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é representado e de acordo com o contexto social em que está inserido. Isso nos leva a pensar que a formação da identidade está diretamente relacionada ao contexto sociocultural e, conseqüentemente, está imersa em valores, regras, sanções, condutas, diferenças e divergências. Assim, a noção de um sujeito tendo uma identidade unificada e estável é superada. Esta, por sua vez, passa a ser definida historicamente. Ou seja, o sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos.

Pode-se afirmar, então, que a diversidade cultural além de ser um patrimônio da humanidade, na sociedade brasileira as diferenças que se moldaram e se moldam são consequência de uma sociedade plural. Por isso sempre há uma necessidade urgente de rever questões que busquem um movimento de reconhecimento e valorização das especificidades culturais do outro, a qual se reflete na formação da diversidade identitária.

Ou seja, a diversidade cultural engloba as diferenças culturais que existem entre as pessoas com a linguagem, a dança, vestimenta, costumes, tradições, bem como a suas concepções morais, religiosas, a forma como interagem com o ambiente e com os outros indivíduos. Refere-se as crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e “preenchem” a sociedade. Explica e dá sentido à cosmologia social, e é a identidade própria do grupo humano em um determinado lugar, período histórico que se ressignifica em diferentes momentos e contextos.

Sabe-se, então, que a identidade é um elemento chave da realidade

social subjetiva, e como toda realidade subjetiva está numa relação dialética com a sociedade. A identidade é formada através de processos sociais. Uma vez formada, é mantida, modificada ou tem uma nova remodelagem provocada pelas relações sociais (LUCKMANN; BEGER, *op. cit.*, p. 228).

Esta realidade social a que os dois teóricos se referem depende de estruturas sociais históricas particulares, que engendram tipos de identidades presentes no comportamento cotidiano. Ou seja, os tipos de identidades podem ser observados na vida cotidiana e localizados culturalmente no mundo de forma geral. O mundo que estamos tratando é específico, é uma representação da realidade vivenciada pelos atores sociais. Desse modo, é perceptível que a identidade do sujeito social seja consideravelmente delineada, no sentido de representar a realidade objetiva na qual está localizada. Em outras palavras: cada pessoa é mais ou menos aquilo que se supõe que seja, quando consideramos a condição da socialização que produziu tal identidade.

O fato é que quando se falamos em identidade, logo pensamos em quem somos, algumas vezes em quem nos tornamos. A nossa mente como uma grande tela repassa nossos dados pessoais, a cidade onde nascemos, crescemos, os tios e tias da escola, nossa filiação, nossa nacionalidade, a nação e o povo que pertencemos. O nosso número de registro de identidade. Entretanto, a nossa identidade não é formada apenas de questões objetivas, mas também é constituída por um processo social de transmissão de cultura em que temos como elemento chave a educação formal e informal, os contatos primários e secundários, o próprio processo de socialização, nos quais as características culturais formarão a nossa segunda pele, desenvolvendo uma peculiaridade em nós que chamaremos de identidade, a qual terá as duas grandes facetas: coletiva e a individual. Ou seja: a que nos identifica no corpo social diante do grande referencial social e aquela que diz quais são as nossas especificidades enquanto sujeitos sociais autônomos e movidos por suas escolhas, que certamente de uma forma ou de outra estão em interação com o meio social, já que se refletem no comportamento social, no discurso, na forma em que os arranjos sociais são construídos.

Assim, Beger & Luckmann (*op. cit.*, p. 230) afirmam que o sujeito social se relaciona em ambientes diversos, nos quais ele é ativo e passivo na manutenção de regras que regem um período histórico, uma comunidade, um grupo social específico. Podemos perceber que este sujeito social é um indivíduo concreto histórico, que nasce em uma determinada

época, numa certa sociedade com estrutura econômica, política, hábitos, costumes, cultura, e que desenvolve funções, entre elas a de exprimir a sua realidade por meio de palavras, figuras de linguagem, e consequentemente, representações sociais da vida cotidiana em que está imerso. Temos, então, um contexto formado por instituições e identidades culturais organizados pela experiência humana que está repleta de diferenças, e que segue, muitas vezes, um padrão de vida, o qual existe antes mesmo do nascimento do indivíduo, em que o artista traduz para suas obras.

O fato social, por sua vez, é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, paradigmas, fornecendo elementos para determinar a sua validade diante do contexto sociocultural em que foi construído e o seu efeito sobre as formações de identidade culturais diante do multiculturalismo e da diversidade cultural e, consequentemente, da variedade de temas e perspectivas a partir de um ou de mais de um objeto de estudo e observação. Percebemos, dessa maneira, que o fato social está condicionado a um acervo de ideias e valores, sentimentalidades e percepções que serão/são refletidos na obra de arte e influenciarão na construção da identidade plural coletiva e individual em diferentes momentos da história e sociedades.

2.2. Universos simbólicos, contexto sociocultural e interação social: variáveis interpretativas para a estrutura da linguagem artística

É fato que todas as criaturas humanas surgem da vida psíquica e de suas relações com o mundo exterior. Nesta afirmação, associam-se a experiência de vida, a evolução da imagem do mundo, a utilidade da linguagem e todo poder simbólico implícito na estrutura e na maneira em que se constroem as relações sociais dentro de um contexto determinado, propiciando diferentes formações de representações sociais. Surgem necessariamente interpretações da realidade: as concepções de mundo, das emoções humanas, pensamentos e ações, que procuram solucionar o enigma da vida em sociedade.

Partindo do pressuposto de que o indivíduo, para manter-se no organismo social, necessita de um instrumento-base, que é a linguagem, faz-se necessária a apreensão de sistemas de sinais, possibilitando a sua atuação, em outras palavras: a sua interação social. O sujeito – em seus distintos grupos através de universos simbólicos, valores sociais, morais, culturais, estéticos e políticos – compartilha seus pensamentos, emoções

e dogmas com os outros, permitindo que ele se mantenha coeso ao organismo social e que produza uma realidade de acordo com tais universos simbólicos e com o conhecimento compartilhado num processo contínuo de construção e ressignificação.

Isso se deve ao fato de que a aquisição de conhecimento na vida diária de cada membro da sociedade estrutura-se em termos de conveniências. Os seus interesses e os grupos em que o agente social interage permitem um cruzamento entre as diversas conveniências – o que, conseqüentemente, favorece a diversificação de significados e uma pluralidade de conhecimentos e práxis sociais.

Por conseguinte, a interação social não é repleta apenas de objetivações, pois o indivíduo está constantemente envolvido por objetos que pré-determinam as intenções subjetivas de seus semelhantes. A objetivação é de suma importância, pois ela remete à significação – à produção humana de sinais, por sua vez, agrupam-se em um certo número de sistemas. Assim, há sistemas de sinais gesticulatórios, musicais, classes sociais, regiões geográficas, grupos socioculturais, profissões, movimentos corporais, entre outros. Os sistemas de sinais são objetivações no sentido de serem acessíveis, além da expressão de intenções subjetivas. De todos estes sistemas, o mais eficiente são os códigos linguísticos: a vida cotidiana é, sobretudo, a vida com linguagem verbal, e é por meio dela que se pode compreender, de modo mais amplo, a realidade social e cultural em que se vive.

Segundo Beger & Luckmann (2002), nos campos semânticos construídos, a experiência pode ser conservada e acumulada. A acumulação é seletiva, pois os campos semânticos determinam o que será retido e o que será “esquecido”, como parte da experiência total do indivíduo e da sociedade. Em virtude dessa acumulação, constitui-se um acervo de conhecimento transmitido de uma geração para a outra e utilizável pelo indivíduo na sua vida cotidiana, conduzindo à sua conservação. Dessa forma, o acervo de conhecimento inclui a localização dos indivíduos no organismo social, determinando as representações sociais que os membros da sociedade vão absorver.

Portanto, conforme os autores (*op. cit.*, p. 99):

Os significados objetivados da atividade institucional são concebidos com conhecimento e transmitidos como tais. Uma parte deste conhecimento é julgada para todos, enquanto outra parte só interessa a certos tipos. Toda a transmissão exige alguma espécie de aparelho social. Isto é, alguns tipos são designados como transmissores, outros como receptores do conhecimento tra-

dicional. O caráter particular deste aparelho variará naturalmente de uma sociedade para outra. Haverá também procedimentos para a passagem da tradição dos conhecedores aos não conhecedores.

Deste modo, o universo simbólico cristaliza-se na sociedade da mesma forma como se dá acumulação de conhecimento. Isto é: os universos simbólicos são produtos sociais e culturais que têm sua história influenciando diretamente no comportamento dos atores sociais e na maneira em que se dá a legitimação das representações sociais desde a crise da racionalidade no final do século XIX e início do século XX.

É fato, então, que para se entender a realidade da vida diária dos indivíduos é necessário levar em consideração as diversas atribuições de significados e interpretações dos sistemas de sinais. A investigação dos fundamentos do conhecimento da vida cotidiana realizada por meio da linguagem constrói as objetivações dos processos de significações e o mundo intersubjetivo individual e coletivo. A realidade sempre é apresentada como uma dialética que tem como característica principal a objetividade e a subjetividade que os símbolos e a própria linguagem têm dentro do sistema estrutural social.

Em outras palavras: a realidade da vida diária aparece com campos infinitos de significações de modo geral, mas limitada quando comparada a outras realidades dentro de sistemas referências macrosociais. Dentro desta relação, a linguagem – princípio para uma contínua interação e comunicação – aparece como meio de interpretação, comunhão de conhecimento e fornece à realidade uma distinção entre os grupos que, juntos, formam a estrutura da sociedade. Desse modo, cumpre insistir na importância do indivíduo intelectual que utiliza a arte como sistema de transmissão de ideias e sentimentos, que ao mesmo passo, expõe a sua vida pessoal, e formula o que é um dado geral, torna-se a alma falante dos seus contemporâneos.

Validando tal afirmação, Nunez y Mendieta (1967) nos dizem que o elemento crucial da arte deriva das interações humanas, que, no tempo, criam uma série de conceitos, de ideias, de sentimentos coletivos nos quais o artista necessariamente se inspira, pois se dela se afasta, sua obra torna-se vazia de interesse e não pode despertar qualquer emoção. Como consequência das interações humanas, os caminhos são infinitos, pois depende de como o artista trabalha um determinado tema. Dessa forma, a criação artística depende da captação do elemento social que sempre está em mudança e por isso não tem esgotamento, tornando-se sempre nova. Captar esse elemento e dar-lhe vida por meio da expressão adequada para

produzir a emoção estética e a sublimação do verdadeiro artista.

Dessa forma, a formação de diversos simbólicos dentro destes distintos e contemporâneos tempos históricos respalda o estudo da linguagem artística em sua realidade social. Tal fato se deve à realidade que oferece múltiplos e complexos universos simbólicos que devem integrar-se em um todo autônomo, independentemente, que explique a função da arte na vida das sociedades, se é que existe um função pré-definida.

Entretanto, toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, por outro lado, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento social. Assim, é na arte que encontramos a essência do excelente, pois tudo que nos permite conhecer a vida e o mundo, tanto a vida sociocultural como a existência humana, fazem parte de um processo interpretativo, onde objetos apreendidos pelos nossos sentidos e pela nossa razão dão valor de acordo com nossos círculos de convivência.

2.3. A linguagem artística, musical, poética: uma tradução da realidade social

Segundo Maingueneau (2001), o campo textual tenta articular as formações discursivas, que se dão através de compartilhamento desses universos simbólicos entre os escritores (criadores) e os grupos a que eles pertencem ou frequentam. A articulação, por sua vez, das diversas formações de discursos é realizada a partir do funcionamento desses grupos que as fazem reviver (ou sobreviver) e vivem delas. Nesse aspecto, utilizando a análise de discurso é possível atravessar o cerco das palavras e encontrar, em outros sistemas de análises, a química que forma os diversos sentidos das representações sociais no organismo social tão multifacetário.

(...) o homem-criador tira partido de tudo que encontra em suas “moradas”, bom ou mau. E se cria personagens os humaniza inoculando-lhes esse material psíquico. É o único meio de evitar a falsidade psicológica, pois ninguém pode expressar com a força de verdade uma paixão humana sem havê-la sentido alguma vez (BONET, 1970, p. 78-79).

Essa articulação feita no campo textual recai nos modos de vida, nos ritos, e há confronto entre escritor e a sociedade, o escritor e sua obra, e entre a obra e a sociedade. Percebe-se que temos importantes va-

riáveis para a sociocrítica, e, conseqüentemente, para a análise de discurso e as perspectivas pragmáticas, sendo elas o contexto social-cultural-histórico, o indivíduo e o ator social, a sociedade, os meios, os universos simbólicos (a obra) e a comunicação literária.

O discurso, então é uma força constitutiva e como ação, representa a vida sociocultural e realiza atos sociais. É agir no mundo, à luz dos interlocutores e dos personagens das histórias ao mesmo tempo em que o escritor constrói e constitui os seus interlocutores, são as interações entre os sujeitos que promovem o discurso, e assim, diferentes significações para ele, de acordo com uma série de valores e sentidos. O discurso promove a comunicação entre os atores sociais, trazendo em si uma grande quantidade de variáveis.

Essas variáveis tornam-se de fundamental importância para entender e identificar a essência poética. Maingueneau (2001) afirma que através da análise do discurso é possível perceber a estrutura do enunciado, o arranjo do conteúdo, correlacionado à linguagem, ao contexto, ao autor e a repercussão da obra, ou seja: traz o entendimento das marcas sociais e ideológicas presentes no discurso, que circunscreve valores, regras, hábitos etc., nas interações sociais.

A relatividade deve estar presente, afinal estamos tratando de contextos socioculturais diversos, que trazem dentro de seu âmago um complexo sistema de representações, identidades e particularidades. Por meio da reflexão sobre esta diversidade, podemos compreender alguns aspectos da criação artística sem nos perder na elaboração do conjunto de universos simbólicos utilizados pelo artista na sua individualidade. Portanto, a criação poética-literária tem correspondência com os processos de socialização e com uma certa necessidade de representação do mundo e com um sistema de símbolos, correspondência esta que está condicionada à subjetividade e a toda uma forma de perceber a vida. Cândido (2002) ressalta que isto só é possível graças à formação de um simbologia poética, representações gráficas que dão forma à sentimentalidades e percepções do autor sobre si mesmo e o mundo que o cerca. Com isso, podemos verificar que a criação poética-literária é coextensiva à própria vida social, trazendo impulsos e necessidades de expressão, de comunicação e integração com a vida cotidiana.

3. Conclusão

Ao integrar a vida cotidiana por meio da comunicação poética e suas diferentes formas de atingir a sociedade, de uma maneira geral, passa existir o caráter coletivo. Este caráter coletivo da criação poético-literária, por sua vez, provém do fato de que as estruturas que formam a obra estão relacionadas às estruturas de valores, regras, símbolos e representações socioculturais de um grupo. Por outro lado, o poeta tem autonomia, principalmente no que se refere ao plano dos conteúdos, da criação de universos imaginários regidos por estas estruturas. Isso demonstra tanto a liberdade que o poeta tem como a obra poética representa uma totalidade de variáveis apreendidas pelo poeta.

Presumimos, então, que a obra poético-literária é uma comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas pelo autor. Ela é mais do que a transmissão de noções, conceitos e regras estéticas. Por ser uma comunicação expressiva, ela pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista. Ela está inserida em um complexo conjunto que incorpora sistemas simbólicos que se fundem à experiência coletiva, aos valores vigentes na sociedade e à vivência do artista neste emaranhado conjunto de variáveis. A produção poético-literária, dessa forma, depende de uma integração de fatores que se relacionam, com a socialização do artista e sua visão de mundo que está a todo o momento interagindo com uma cultura específica, presente na sociedade, ou melhor, no grupo que ele participa. Em suma: o autor traduz no mundo das palavras o que vivencio e observou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. *Filosofia da nova música*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BAHIANA, Ana Maria. *Nada será como antes: MPB nos anos 70*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BEGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 22. ed. Trad.: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONET, Camelo. *As fontes da criação literária*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

CALADO, Carlos. *Tropicália: A história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CALDAS, Waldenyr. *A cultura político-musical brasileira*. São Paulo: Musa, 2005.

_____. *Iniciação à música popular brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CAMPOS, Augusto de. *Balanço da bossa e outras bossas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova*. 3. ed. atual. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CASTELLO José. *Vinícius de Moraes: Livro de letras*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. *Vinícius de Moraes: o poeta da paixão (uma bibliografia)*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DAGHLIAN, Carlos (Org.). *Poesia e música*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro – 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *A questão da identidade cultural*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MANGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor e sociedade*. Trad.: Marina Appenzeller; rev. de trad.: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2000.

MORAES, Vinícius de. *Poesia*. Organizada por Pedro Lyra. Rio de Janeiro: Agir, 1983. (Coleção Nossos Clássicos; vol. 109).

MURIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX*, vol. II: Necrose. Trad.: Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

POERNER, Arthur José. *Identidade cultural na era da globalização*: política federal de cultura no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte*: o pensamento pragmatista e a estética popular. Trad.: Gisela Domshke. São Paulo: Editora 34, 1998.

TINHORÃO, J. R. A bossa-nova e a canção de protesto. In: _____. *Pequena história da música popular brasileira* (da modinha a canção de protesto). Petrópolis: Vozes, 1974.